

## FINANÇAS

Bancos projetam selic estável ao longo de 2008

## SEGUROS

## Setor lucra R\$ 6 bilhões e fatura R\$ 74,3 bilhões em 2007

Seguradoras ligadas a bancos detêm 78% do ganho líquido e 65% das vendas totais

VENDAS EM ALTA, GANHOS ESTÁVEIS						
Seguradoras estrangeiras tiveram o maior crescimento em termos de lucro (em R\$ milhões)						
Tipos de grupos	2007			2008		
	Prêmio	Lucro líquido	Retorno s/PL	Prêmio	Lucro líquido	Retorno s/PL
Seguradoras com distribuição pelo canal bancário	37.904	4.730	24%	31.288	4.899	29%
Seguradoras com participação de capital estrangeiro	13.091	646	30%	12.129	415	8%
Seguradoras independentes com capital nacional	7.581	624	19%	6.778	677	8%
<b>Total</b>	<b>58.576</b>	<b>6.000</b>	<b>20%</b>	<b>50.194</b>	<b>5.991</b>	<b>24%</b>

Fonte: Siscorp

Em 2007, as seguradoras conseguiram repetir o lucro líquido nominal de 2006, um ano considerado "respetacular" em termos de resultado. O lucro líquido do setor foi mantido em R\$ 6 bilhões. Porém é um resultado pior, uma vez que o faturamento cresceu 15%, para R\$ 74,3 bilhões, o patrimônio líquido evoluiu 19%, de R\$ 26 bilhões para R\$ 30,8 bilhões com aportes, e as reservas deram um salto de 23%, passando de R\$ 117 bilhões para R\$ 145 bilhões em dezembro de 2007.

A carteira de investimento, formada pelo patrimônio líquido das seguradoras e pelas reservas técnicas que garantem o pagamento das indenizações aos segurados, aumentou 25%, para R\$ 158 bilhões. A média efetiva da Selic, que remunera praticamente 90% da carteira de investimentos, caiu de 14,71% em 2006 para 11,88% no ano passado.

Os recursos são investidos em títulos de renda fixa. Apenas 1% está em renda variável, uma vez que a atividade de seguro já é uma operação de baixo risco e uma característica da aplicação. Embora o retorno das aplicações tenha piorado pela redução do juro, houve um aumento da massa de recursos investidos, compensando a redução da remuneração financeira", diz Flávio Fagionato, sócio da consultoria Siscorp Sistemas Corporativos.

Várias empresas apresentaram queda na rentabilidade sobre o patrimônio líquido. Parte foi causada pela redução na remuneração dos investimentos e parte por uma piora no resultado operação em si. A rentabilidade média sobre o patrimônio líquido de todo o setor em 2006 foi de 24%, apresentando queda de quatro pontos percentuais no ano passado, para 20%.

## Canais de distribuição

As seguradoras com canal de distribuição bancário registraram queda de cinco pontos percentuais, de 29% para 24%, as com participação de capital estrangeiro conseguiram elevar em dois pontos percentuais, para 10%, e as seguradoras independentes com capital nacional tiveram uma piora, com o ROE passando de 23% para 19%.

Neste último grupo boa parte do impacto veio da Porto Seguro. O lucro líquido de 2007 foi de R\$ 420 milhões, queda de 8,7%. Po-

nomista-chefe. Pela pesquisa, a Selic volta a ser reduzida no ano que vem, chegando em dezembro de 2009 a 10,75% ao ano.

Entre os fatores que mais impactam na política monetária, segundo o levantamento, estão a pressão dos preços dos alimentos, citada por 75% dos entrevistados, seguido pela atividade econômica doméstica, que preocupa mais 55,6%, e depois por uma possível desvalorização da taxa de câmbio, para 50%. A projeção de crescimento do PIB este ano diminuiu de 4,58% na pesquisa em dezembro para 4,52% no levantamento da semana passada. Para 2009, a projeção média para o crescimento do PIB está em 4,15%. Em relação ao IPCA projetado para este ano, os bancos aumentaram a previsão de 4,16% para 4,48%, bem próximo do centro da meta de 4,50%.

Em relação às operações de cré-

de dos auditores independentes.

As vendas totais de seguros patrimoniais e de responsabilidade civil (segmento conhecido internacionalmente como property and casualty) somaram R\$ 27,7 bilhões, crescimento de 9% sobre 2006. O seguro de automóvel é o mais vendido neste segmento, com R\$ 13,5 bilhões em 2007, evolução de apenas 2% comparado ao ano anterior. A Porto Seguro lidera, com 20% de market share.

As apólices de riscos patrimoniais, onde estão incluídos riscos empresariais, condomínios e residencial, totalizaram prêmios de R\$ 4,3 bilhões, decréscimo de 9% em relação a 2006. A Itaú é a maior deste nicho, com prêmios de R\$ 576 milhões e participação de 13%. A líder deste ranking em 2006 era a Unibanco, que no ano passado apresentou queda de 61% nos prêmios, para R\$ 469 milhões. O seguro de transporte totalizou prêmios de R\$ 1,6 bilhão, evolução de 6%, tendo a Unibanco AIG a liderança.

O segmento de previdência totalizou contribuições de R\$ 28 bilhões, sendo R\$ 20,1 bilhões apenas com o VGBL, que puxou o faturamento de todo o setor com crescimento de 36%. A Bradesco Vida e Previdência detém a liderança, com 42% da arrecadação total do setor com o VGBL.

Em apólices de vida e acidentes pessoais, as seguradoras arrecadaram R\$ 10,6 bilhões, evolução de 13%. Aqui também a Bradesco é a número um, com 16%, seguida pela Mapfre, com 12% de market share.

As vendas de títulos de capitalização totalizaram R\$ 7,8 bilhões, alta de 10%.

## Susep estima a vinda de 18 resseguradores ao País

SABRINA LORENZI RIO

Pelo menos 18 resseguradoras vão operar no Brasil assim que as regras de mercado aberto começarem a vigorar, em abril. A estimativa, do titular da Superintendência de Seguros Privados (Susep), Armando Vergílio Junior, considera tanto empresas interessadas em ter sede e autonomia no País (locais) como companhias que preferem tocar operações a partir de decisões e reservas financeiras vindas do exterior (admitidas).

Com um prêmio projetado para ser o centro do mercado de resseguros no País quem sabe da América Latina, como apostam alguns o Rio começa a atrair as maiores empresas mundiais do setor. A suíça Swiss Re fez recentemente uma consulta para atuar como resseguradora admitida, com perspectiva de se tornar local depois. Segunda maior do mundo, a alemã Munich Re também já protocolou pedido à Susep para vir para o Brasil, como emparceira local. E a J. Malacelli, braço do Paranaíba Bancário, terá sede em Curitiba. Outras empresas estão em contato com a Susep, mas Vergílio disse que ainda não pode revelar nomes.

Também admitido para ter

operações no País, o centenário Lloyd's de London deverá instalar sua base de operações no prédio do Banco Central, no Rio. De acordo com o governador Sérgio Cabral, o presidente do BC, Henrique Meireles, acatou o pedido do Lloyd's para dividir o enorme edifício localizado na Avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro.

O presidente do Lloyd's, Lorde Peter Levene, em entrevista ontem no Palácio das Laranjeiras, residência do governador, disse que quer crescer na América Latina a partir do Brasil. O executivo revelou que o continente possui menos de 20% dos negócios da instituição. "A nossa participação na América do Sul é muito pequena", afirmou.

A vinda do executivo inglês deve ser o começo de outras visitas importantes, segundo plano do governador. "O IRB tem uma área que iremos transformar num grande centro latino-americano de resseguro", disse. A construção do prédio que sediará o centro internacional será realizada com investimentos das empresas que virão se instalar. De acordo com a Susep, o mercado de resseguros foi de US\$ 2,5 bilhões no ano passado e em quatro anos deve dobrar de tamanho.

## BANCOS

## Lucro do Banrisul vai a R\$ 916,4 milhões

CAIO GIGANA PORTO ALEGRE

Impulsionado pelo aumento do crédito, expansão das operações de tesouraria, maior utilização do cartão Banricompas e a reversão de créditos tributários no valor de R\$ 511 milhões impulsionaram, o lucro do Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul) cresceu 153,4% em 2007, para R\$ 916,4. A rentabilidade sobre o patrimônio ficou em 44,8%, ante 29,7% em 2006. "O Banrisul será este ano o mais rentável do País, inclusive em comparação com os gigantes", disse o presidente do banco, Fernando Lemos. Em julho, o banco, controlado pelo governo do Rio Grande do Sul, com 56% do capital total, levantou R\$ 800 milhões com uma emissão primária de ações.

O patrimônio líquido do Banrisul atingiu R\$ 2,79 bilhões, evolução de 115,6% sobre o ano anterior. Os ativos totais cresceram 30,9% para R\$ 30,5 bilhões, e os recursos captados e administrados totalizaram R\$ 17,1 bilhões, um crescimento de 19,8%. Ajudada pela estabilidade econômica, redução dos juros e spreads, a carteira de crédito, em prêmios de curtíssimo prazo ficam mais caros e podem ser de estimuladores", explica Tingas. A nova forma de incidência do IOF nas operações de crédito, particularmente nas rotagens de curto prazo, podem desestimular os empréstimos como do cheque especial. "Como o IOF é cobrado toda vez que você entra ou sai de uma operação de crédito, em empréstimos de curtíssimo prazo ficam mais caros e podem ser de estimuladores", explica Tingas. A nova forma de incidência do IOF tem pouco efeito sobre operações mais longas, mas nas curtas pode ser prejudicial." Segundo a pesquisa, o dólar deve terminar este ano a R\$ 1,81 e em dezembro de 2009, chegar a R\$ 1,88. A balança comercial voltará a registrar saldo em 2008, com superávit de US\$ 28 bilhões.

## HABITAÇÃO

## CEF projeta aumento de 20% neste ano

ETENE RAMOS RECIFE

Os resultados recorde dos empréstimos da CEF (Caixa Econômica Federal) em 2007 para as áreas de habitação, saneamento e infraestrutura refletem a ebulição da construção civil vivida em todo o país. No ano passado, a CEF financiou mais de R\$ 37,2 bilhões, dos quais R\$ 21,5 bilhões foram destinados à habitação. O volume é 100,7% superior ao de 2006. Para este ano, a perspectiva é um aumento de 20%. "2007 foi o ano em que a construção começou a deslanchar. O Brasil ainda não atingiu o ápice de produção habitacional e de oferta de crédito, se o compararmos com outros países em desenvolvimento. Ainda há muito espaço para aplicarmos recursos em habitação", analisa o superintendente da CEF em Pernambuco, Alex Norat, revelando que os resultados de 2007 foram superiores à meta de chegar a R\$ 17,4 bilhões em empréstimos. Comparado a 2002, quando foram emprestados R\$ 5,5 bilhões, o volume foi quatro vezes maior.

## PROJEÇÕES

## Bancos prevêem selic estável em 2008 e queda no ano que vem

JIANE CARVALHO SÃO PAULO

A volatilidade dos mercados financeiros, observada em janeiro, não foi suficiente para deteriorar o cenário projetado para a economia brasileira em 2008. Esta é uma das principais conclusões da pesquisa da Febraban (Federação Brasileira dos Bancos) com 43 instituições. A sondagem foi realizada na semana passada, após a divulgação da ata da última reunião do Copom, em que a Selic foi mantida estável a 11,25% ao ano. Para a ampla maioria das instituições, a condução da política monetária está mais condicionada a fatores domésticos que externos.

"É claro que a crise no mercado de hipotecas afeta a todos, e no Brasil particularmente a Bolsa, mas não é suficiente para promover uma mudança na política monetária", avalia Nicola Tingas, economista-chefe da Febraban. "Hoje as consequências estão limitadas aos detentores de portfólios ligados às hipotecas, como bancos e seguradoras, e além disso as ações do governo americano

e dos bancos centrais tendem a promover um ajuste no sistema, o que já está ocorrendo."

Como a cena externa ainda em segundo plano, quando o assunto é a política monetária conduzida pelo Banco Central (BC), os bancos ouvidos pela Febraban vêm pressões apenas no curto prazo. "O foco continua sendo a inflação doméstica, que preocupa mais já começa a arrefecer", diz o economista. "A minoria dos bancos acredita em uma elevação da Selic no primeiro semestre, mas depois a tendência é de estabilidade no cenário com retomada de cortes em 2009", acrescenta.

Na pesquisa anterior da Febraban, um terço dos analistas acreditava na manutenção da Selic. No levantamento divulgado ontem, esta posição é majoritária e há, ainda, alguns economistas que esperam uma elevação na expectativa para acomodar as expectativas de inflação. "Até julho, apenas 20% das instituições acreditam em uma alta da Selic, mas não há previsão de elevações no segundo semestre", explica o eco-

nomista-chefe. Pela pesquisa, a Selic volta a ser reduzida no ano que vem, chegando em dezembro de 2009 a 10,75% ao ano.

Entre os fatores que mais impactam na política monetária, segundo o levantamento, estão a pressão dos preços dos alimentos, citada por 75% dos entrevistados, seguido pela atividade econômica doméstica, que preocupa mais 55,6%, e depois por uma possível desvalorização da taxa de câmbio, para 50%.

A projeção de crescimento do PIB este ano diminuiu de 4,58% na pesquisa em dezembro para 4,52% no levantamento da semana passada. Para 2009, a projeção média para o crescimento do PIB está em 4,15%. Em relação ao IPCA projetado para este ano, os bancos aumentaram a previsão de 4,16% para 4,48%, bem próximo do centro da meta de 4,50%.

Em relação às operações de cré-

ditado, a previsão é de um crescimento menor este ano em relação a 2007. A expectativa é que o crédito cresça 20,92% este ano, inferior aos 27,26% registrados no ano passado. "A desaceleração ocorre por uma mistura de fatores, como expansão menor do PIB, endividamento maior das famílias, o que revela uma acomodação natural do setor", explica Tingas. A nova forma de incidência do IOF nas operações de crédito, particularmente nas rotagens de curto prazo, podem desestimular os empréstimos como do cheque especial. "Como o IOF é cobrado toda vez que você entra ou sai de uma operação de crédito, em empréstimos de curtíssimo prazo ficam mais caros e podem ser de estimuladores", explica Tingas. A nova forma de incidência do IOF tem pouco efeito sobre operações mais longas, mas nas curtas pode ser prejudicial." Segundo a pesquisa, o dólar deve terminar este ano a R\$ 1,81 e em dezembro de 2009, chegar a R\$ 1,88. A balança comercial voltará a registrar saldo em 2008, com superávit de US\$ 28 bilhões.

**ATÉ JULHO, APENAS 20% das instituições acreditam em alta da taxa**

## Volta de estrangeiros pressiona dólar

JIANE CARVALHO SÃO PAULO

A volta do investidor estrangeiro para a bolsa brasileira, acompanhando a melhora no ambiente externo e um certo descolamento do Brasil em relação à crise global, patrocinou mais um dia de queda do dólar. Ontem, pelo terceiro preço seguido, a moeda recuou 0,40% negociada a R\$ 1,744. No ano, a desvalorização acumulada chega a 1,43%. A Bovespa voltou a fechar em alta, com avanço de 1,2%, a 62.590 pontos.

Desde que a crise do mercado americano de hipotecas se intensificou, o movimento do dólar está mais ligado a episódios de maior ou menor aversão ao risco, do que aos fundamentos econômicos, claramente baixistas. "Nos últimos dias, a melhora externa realimen-

tou o apetite por risco do investidor estrangeiro que tem voltado para a Bovespa, deprimindo o dólar", avalia Mario Battistel, da corretora Novação. Segundo dados da bolsa, o saldo de estrangeiros está positivo em R\$ 299 milhões nos primeiros 10 dias deste mês. No ano, porém, ainda é negativo em R\$ 704 milhões.

Um descolamento do Brasil em relação à crise das subprimes também explica a volta dos estrangeiros. Em relação a outros emergentes, os fundamentos do País estão mais sólidos. "Está havendo uma diferenciação maior entre os emergentes, o que é favorável ao Brasil, na verdade o processo de avaliação feito pelos gestores evoluiu", diz Alexandre Ferreira, vice-presidente de câmbio do banco WestLB.

## Dow Jones sobe 1,38%

REUTERS NOVA YORK E PARIS

Ontem, as bolsas de Wall Street novamente puxaram a melhora global a novo pregão de alta. O índice Dow Jones avançou 1,38%, Nasdaq subiu 2,25% e o S&P 500 fechou com alta de 1,31%. Ajudaram em mais um dia de trajetória a assinatura, por parte do presidente George W. Bush, de um pacote de estímulo à economia e dados das vendas no varejo, que subiram 0,3% em janeiro, frente a uma previsão de 0,4% de baixa. Na BM&F, as projeções de juros dos contratos de Depósitos Interbancários (DI) caíram pelo quinto pregão consecutivo. O DI para janeiro de 2009, o maior líquido, registrou taxa de 11,72%, ante 11,83% do ajuste anterior. Janeiro de 2010 ficou em 12,36% ao ano, contra 12,44% do último fechamento.

O índice Dow Jones, da Bolsa de Valores de Nova York, encerrou o pregão em alta de 1,38%, aos 12.543 pontos. O S&P 500 subiu 1,31%, a 1.366 pontos. E na bolsa eletrônica, o índice composto do Nasdaq encerrou com aumento de 2,25%, aos 3.272 pontos. As bolsas europeias fecharam em leve queda, tomando um fôlego após a forte alta de 2007 medida que ações do setor de telecomunicações e mineradoras compensaram os fortes resultados das montadoras de veículos. O índice FTSEurofirst 300, que reúne as principais ações das empresas europeias, caiu 0,05%, para 1.333 pontos.